

EM BARGA

31 de outubro.

Quando o capitão me indicou no terreno as posições inimigas que pretendia atacar, não precisei prestar muita atenção às suas palavras. Estivera estudando um mapa um pouco antes, e imediatamente reconheci aquele trecho da frente. Dois dias atrás estivera no PC de uma companhia vizinha, e toda a frente estava em paz. Os pontos que assinalavam as posições inimigas e as nossas ficavam a pequena distância uns dos outros — em alguns trechos, menos de 200 metros. Estivera também em outro ponto a uns 600 metros de nossa linha mais avançada — e o que mais me impressionara fora o silêncio. Olhando aquelas colinas e montanhas, não se via um sinal de guerra, nem se ouvia o menor ruído. Um pintor se postaria ali em sossego e disporia na sua paleta os verdes tênues, o amarelo outoniço e o cinza, sem suspeitar que nos bosques atapetados de grama e nas lavouras bem cuidadas espreitavam homens atrás de metralhadoras e morteiros. Deixando o jipe para trás, andamos à vontade para um lado e outro, diante das posições inimigas. O tenente-coronel me dissera:

— Eles não atiram para não revelar suas posições exatas. Estão certamente ali, em volta daquela casinha no alto do morro. Em todo caso, vamos em fila indiana, a uns 20 metros um do outro. Assim, se uma rajada pegar você, não me pega.

— Ou o contrário, senhor coronel!

Mas o inimigo assistiu em silêncio ao nosso passeio matinal. Um tenente que estava com seus homens em uma pequena elevação me disse: — O pior aqui, para os homens, é a chuva e o frio. Chove dia e noite, e um *foxhole* não é tão confortável como um apartamento em Copacabana. E a gente não pode bobear: se alguém dormir, corre perigo.

Assim estava a frente há alguns dias, perfeitamente paralisada. E como sempre acontece quando não há ataque, os adversários come-

çam a se entender e há convenções tácitas. Nosso rancho vai para os homens, e os soldados que levam a comida passam em lugar exposto ao fogo. O inimigo, porém, moita. Assim também nossos homens deixam que os fascistas recebam a sua bóia. Se um atira, o outro também, mas a resposta nunca vai além da provocação. O que nenhum dos dois admite é qualquer movimento fora da rotina. Fora disso, os adversários ficam postados sossegadamente um perto do outro, vizinhos invisíveis — à espera do momento em que mudam as regras de jogo. E num dia assim o repórter pensa: mas esta guerra é uma "mar-melada" — ou um piquenique de mau gosto, com tanta chuva.

Hoje, porém, fomos avisados laconicamente: a cobra vai fumar.

Nosso valente jipe meteu o focinho em grandes lamaçais e custou a romper caminho. Certamente chegaremos depois da preparação de artilharia que precederá o ataque. Atravessamos calmos vilarejos onde de nossos soldados mantêm longas e alegres palestras com as jovens louras. Esses diabos desses pracinhas vivem por aí como se estivessem em casa. Um deles passa com uma criança italiana ao colo. Ao seu lado, a jovem mãe leva outra criança. Mas quando entramos em outra povoação, o que vemos são mulheres e homens em retirada, carregando suas crianças e seus trastes. Um sargento nos avisa:

— Escondam o carro e sigam a pé. Eles hoje já arrebitaram três jipes nossos. Está caindo muita bomba.

Avançamos, sob a chuva torrencial, tremendo de frio, pelas ruas da Idade Média. As mais largas não têm mais de um metro e meio de largura. Os sobradões seculares estão vazios: uma ou outra casa assustada de paisano espia por uma porta.

E depois de uma longa marcha para baixo e para cima, chegamos à posição onde o general Zenóbio acompanha a marcha do ataque. Ele explica que não perdemos nada com o atraso.

À última hora, resolvera que nossa artilharia devia ficar em silêncio, para que o inimigo não suspeitasse do ataque. Só mais tarde ela entrará em ação. Perguntamos pelo bombardeio da cidadezinha por onde acabávamos de passar.

— Creio que eles atiraram com canhões 75. Conteí 15 bombas. Uma caiu ali — e apontou o telhado esburacado de uma casa vizinha. Explica que não tivemos nenhuma baixa: os três jipes atingidos por uma granada estavam vazios.

O general leva-nos a um ponto de onde podemos ver perfeitamente a parte mais importante da frente.

Desde cedo nossos homens estão avançando por um bosque que sobe, à direita, uma grande montanha. As posições do inimigo são excelentes, no alto. A tarefa de hoje é exatamente expulsá-lo dessas elevações. O plano é desbordar sua posição mais forte e depois fazer um ataque frontal, morro acima, com apoio da artilharia.

Chega um mensageiro. Nossos homens, que devem galgar uma posição de 1.070 metros, já estão a 906 metros de altitude, e ainda não foram pressentidos pelo inimigo. Avançam cautelosamente pelo bosque enlameado, subindo a escarpa. A chuva é torrencial, e a cerração protege nossos movimentos.

Acabamos de visitar o PC de uma unidade que se prepara para entrar em ação e espera o sinal convencionado.

Bato à porta de uma casa para beber água. Esta é uma guerra estranha. Em primeiro lugar, é uma guerra feita sob o signo da fartura. A gasolina, oh! cariocas, existe em chafarizes. Pára-se o carro, pega-se a mangueira, põe-se dentro do tanque, e o líquido corre. Há um meio fácil de saber quando o tanque está cheio: a gasolina extravasa. E não é preciso pagar nada, nem assinar nenhum papel. Basta dizer:

— OK, Joe.

Roupa e comida não faltam. Rações K, rações C, monótonas mas substanciais; e às vezes, como hoje mesmo, o milagre supremo do tu-tu, farofa, depois da canja, uma verdadeira canja de galinha — e carne de vaca, honesta carne de vaca legítima, sem nenhum desidratamento. Sim, esta é a guerra da fartura: temos cigarros bastantes para atender a milhares de *bambinos* filantes que pedem para o *babo* ou para o *nono*. Diante dessa população miserável somos todos milionários. Squeff, do *Globo*, queixa-se amargamente:

— Esta guerra está me engordando!

E os pracinhas bebem suco de *grapefruit*. Mas no momento eu quero água. A porta se abre, estou dentro de um convento ou um colégio de freiras. Alguém vai me buscar água, e enquanto espero sou apresentado à superiora. Em minha frente há um quadro flamengo do século XVI. A Senhora sustenta no braço o Menino, que segura os dedos do pé esquerdo com a mão direita.

É uma tèmpera, e sua graça inesquecível se destaca entre vários óleos medíocres com retratos de mártires. Trazem-me o copo d'água, mas a superiora não deixa que me entreguem.

Exclama:

— *Poverino, acqua!*

A primeira palavra, que se refere a mim, é cheia de piedade cristã; a segunda, que assinala o líquido, é dita com um belo desprezo pagão. Uma freirinha sorridente some por uma escada e volta com um copo do melhor vinho tinto que já bebi em toda a Itália.

Estou tão acostumado a pagar (gastamos a todo momento montes de liras) que quase pergunto o preço, distraidamente. Estou cercado de freiras, e elas me perguntam se aquele lugar ainda vai ser bombardeado: duas horas antes os tedescos (os brasileiros já não dizem "alemães": por influência italiana, só falam em "tedescos") mandaram algumas bombas. Com a certeza tranqüila de um general, prometo que expulsaremos os alemães para tão longe que eles não poderão arrebem-

tar o convento. Mas aparece uma velha, que tem os olhos cheios de medo. Diz que tem uma filhinha, está com medo, quer saber se os alemães bombardearão outra vez o lugar. Infelizmente o comando alemão não me informa sobre o programa de sua artilharia. Procuo tranqüilizar a velha e ando pelo corredor, vou visitar uma igreja. Vejo um púlpito maravilhoso em travertino e depois uma terracota de Luca della Robbia ou de sua escola. Dois anjos, que na verdade são duas lindas adolescentes de asas, guardam o santo óleo. Mas a velha veio atrás de mim, diz que tem muita *paura* por causa da filha, quer uma certeza. Aconselho-a a ir-se embora, se está com tanta *paura*. Volto a um PC.

Poucos minutos depois ficamos sabendo que a unidade que avança pela esquerda entrou em contato com o inimigo: as metralhadoras começam a cacarejar. Distinguimos também as metralhadoras alemãs, pelo som de suas rajadas curtas e fortes. Agora essa explosão deve ser de morteiro. Então os ribombos se multiplicam e ouvimos as explosões que se sucedem: os artilheiros ingleses que lutam sob as ordens do comando da FEB estão em ação. E trabalham fora do horário — porque nos dias comuns esses calmos ingleses atiram quase à hora certa, e fazem sua pausa para tomar chá.

Cai granizo, o frio aperta, depois a cerração começa a sumir. Outra unidade nossa tem ordem de avançar. Os homens correm para a frente, um a um, atravessando às pressas os trechos descobertos... Têrão de descer uma ravina, depois galgar a montanha.

Saimos novamente pelas ruas e estradas.

IN: BRAGA, Rubem. "Crônicas da guerra na Itália". Rio de Janeiro: Record, 1996, 3ª edição, pag. 42-45.

NOTA — Esta crônica, bastante truncada pela censura, refere-se ao ataque na frente de Barga, em 31 de outubro de 1944. Nossos homens conquistaram todos os objetivos, mas os alemães recuperaram suas posições, lançando um forte contra-ataque pela madrugada. As tropas em ação eram do 6º RI, que teve muitas baixas. No dia seguinte, os brasileiros foram substituídos naquele setor, sendo mandados para a região de Portofino, onde lutaram até a ofensiva final. No dia 1º de novembro foi proibido aos correspondentes ir ao *front*.